

MIGUEL BONNEVILLE**Morgue****13 JAN 2012 – 18 FEV 2012**

Na primeira exposição do novo ano na 3+1 ARTE CONTEMPORÂNEA, Miguel Bonneville (1985) apresenta-nos *Morgue*, o seu mais recente corpo de trabalho, materializado numa nova serie de desenhos e esculturas.

Nas obras agora apresentadas, os aspectos performativos da prática do artista continuam evidentes, tanto nas *personas* interpretadas anteriormente como nos trabalhos recém-desenvolvidos. Desta vez, à criação de uma arena pessoal e íntima - para nos comiserarmos e percebermos em retrospectiva - sucede-se um luto de identidades que existiram outrora, considerando a sua natureza morta bem como seus remanescentes.

A exposição é encenada como se fossemos convidados para um velório, enquanto homenagem às já referidas identidades passadas do artista. Uma investigação sobre as facetas que constituem a nossa individualidade, compreendendo o conjunto de papéis desempenhados por cada uma delas.

Apropriando-se de várias imagens, os desenhos surgem quase diarísticos, já que os retratos são substituídos pelo rosto do artista despertando assim uma familiaridade na audiência.

‘Nesta exposição posso finalmente suicidar-me sem morrer. É um privilégio suicida’...reconhece o artista. É também o reconhecimento dessas várias facetas de Bonneville, uma encenação de despedida, enquanto sugere nostalgia nos desenhos como ‘Block encounters Death’ – um encontro do sócia actual com o do passado. O poodle de Fausto (Goethe) é também revisitado na obra ‘He appeared to me’ não só como uma das experiências de Bonneville, mas também, como referência a crenças relacionadas com o Céu e o Inferno. Em ‘Still Life (Hunting Trophies)’ assistimos a uma miscelânea de carnificina e perseguições carnis numa composição onde retratos do artista em estado terminal ‘convivem’ com outros lucidamente predatórios, numa sugestão de continuidade e de representação da sobrevivência, conscientes do que se passou.

Esteticamente, a bidimensionalidade dos desenhos acentua a falta de vida das figuras e dos objectos retratados, permanecendo como incorporações realizadas dentro das linhas dos seus seres anteriores, encapsulados nos limites de sua existência. Como nas ‘Naturezas mortas’ inicialmente pintadas para mostrar aos outros a riqueza realizada, materializada na encomenda de uma pintura de uma taça de frutos, enquanto a maioria das pessoas não podiam sequer pagar esses ‘luxos’. Bonneville toma a liberdade de elogiar isso também, explorando a diversidade das suas diferentes vidas, com a vantagem de nem sempre ser reconhecido.

Paralelamente aos desenhos surgem os figurinos e adereços usados em performances anteriores, como peles largadas, embaladas para arquivo ou como se testemunhássemos um falecido numa morgue de uma cena de investigação criminal sem conhecermos a causa da morte. Embora as obras expostas sugiram que algo de sinistro aconteceu, o artista está mais preocupado com a atenção que possamos dar às suas diversas personalidades... que possamos arquivá-las também no nosso consciente, para que sejam lembradas e acedidas fenomenologicamente.

Miguel Bonneville aborda este novo corpo de trabalho, um pouco como Michael Landy, que em 2001, destruiu completamente a sua casa e todos os seus pertences, num acto que classificou como uma maneira de se livrar de si mesmo e do materialismo. Ao homenagearmos o remanescente, somos convidados a participar no martírio de ambos, questionando não só a capacidade de incorporar o nosso passado mas também o apego a ele e aos bens materiais.

Em *Morgue*, apesar do tom sombrio presente nas obras _ tanto nelas como na abordagem do artista, existe uma catarse que nos diz claramente que algo terminou... embora deva ser lembrado e guardado.

É sugerido um período de purificação ou um tempo de reflexão, não só para o artista ao dizer adeus a essas identidades, mas também para a percepção do caminho a seguir.

JS 2012